

## Comunicar para transformar: a extensão como agente de mudança

Geisa Golin Albano  
Diretora de Comunicação IFSC  
Gestão 2021-2025

Como começar a falar daquilo que faz parte da essência das atividades fins das instituições de ensino superior (IES), especialmente as públicas brasileiras? Como tratar ou singularizar em conceitos aquilo que por si só dá razão à existência delas? É difícil conceituar a extensão e mais difícil ainda não fazê-lo, pois, sem tal desafio, não poderia elevar o tema e as reflexões aqui postas.

A extensão universitária é conhecida como a atividade que, de forma indissociável ao ensino e à pesquisa, aproxima o conhecimento científico e acadêmico desenvolvido dentro das instituições de ensino da realidade social vivida nas comunidades, enriquecendo os dois lados - seja proporcionando vivências fora da academia para os estudantes e servidores por meio do aprendizado prático e dos saberes populares - seja transformando os meios como as comunidades seguem suas práticas de vida. Trata-se, sobretudo, do retorno prático e instantâneo que as IES podem dar, de forma orgânica e leve, para a sociedade, sem esperar que o conhecimento concreto chegue à ela somente após os avanços econômicos, sociais ou tecnológicos, que muitas vezes são lentos e até mesmo geracionais.

# Editorial

A extensão faz com que o estudante saia das experiências vividas na IES e observe como colocá-las em prática sob a necessidade feroz da comunidade. A comunidade, por sua vez, não altera sua cultura e suas práticas espontaneamente, a menos que haja uma intercessão legítima e valiosa, com valor agregado e que demonstre ganho significativo para ela, suas pessoas, ou seus processos, com respeito à história e dinâmicas locais.

Essa via de mão dupla é profundamente transformadora para todos os envolvidos, à medida que a vivência extensionista rompe com a normalidade, gerando um ambiente que ninguém se percebe indiferente ou inerte, todos os envolvidos tendem a sair de uma zona confortável de prática vivida, rompendo com a sua história, para experimentar uma forma inovadora, seja por meio de vínculo e relacionamentos que geram novas condutas, usos, esforços e movimentos diferentes dos até então conhecidos.

A essa transformação social, chamada extensão, tão multicriterial e ao mesmo tempo de fácil compreensão, segue enraizado ao papel definitivo de aquisição do conhecimento e à comunicação como propulsora das relações interpessoais.

Se já sabemos que a aquisição do conhecimento é um mecanismo cognitivo, social e mediado pela linguagem, conforme Vygotsky (2007), podemos compreender que o conhecimento engloba processos que envolvem o meio social e cultural a depender do repertório e da mediação. Segundo o autor, é por meio das interações comunicativas que o indivíduo internaliza padrões, signos, símbolos, regras e desenvolve o aprendizado. Ou seja, esse desenvolvimento da aprendizagem ocorre a cada mediação e interação.

# Editorial

Entrando na teoria da comunicação, Marshall McLuhan (1964), importante teórico da comunicação pela célebre expressão “o meio é a mensagem”, sabia que parte da comunicação não estava centrada no conteúdo da mensagem, mas sim no canal de comunicação. E, com isso, sua teoria, que até os dias de hoje é base para os cursos de comunicação, defende que os meios de comunicação causam efeitos estruturais na sociedade, para além da mensagem que eles carregam. A conhecida frase passa a fazer muito sentido quando inserimos a comunicação nas mídias sociais que existem hoje.

Nos dias atuais, dentro dos setores de comunicação das IES públicas, percebe-se um movimento geral que promove menos assessoramento de gestores e mais transparência pública centrada nos interesses da sociedade. A mudança é significativa desde 2016 com a fundação da ABCPública, uma associação que reúne profissionais de comunicação de instituições públicas num espaço de debate e reflexão, com foco no acesso à informação de interesse dos cidadãos e vistas à prestação de contas pelo Estado.

A comunicação pública está pautada na difusão de informação de interesse público de forma transparente e ativa, munindo os cidadãos de conhecimento profundo sobre aquilo que é público e de todos. Esse processo torna-se ainda mais relevante justamente na era em que a desinformação alcança níveis imensuráveis e indetectáveis. Os impactos das informações falsas ou não validadas podem afetar as sociedades e até valores éticos e políticos.

Aliado a essas novas práticas, os novos canais de comunicação, da mesma forma como impactam e mudam nosso relacionamento social e comportamental, também desenvolvem novas formas de comunicação no setor

# Editorial

público, como já assegurava o teórico da comunicação. É isso que vemos nas alterações do comportamento humano frente às mídias sociais, por exemplo, local em que vemos a possibilidade de não depender apenas de websites próprios, por vezes com tecnologias ultrapassadas, ou um único canal de ouvidoria ou ainda segundos na imprensa que muitas vezes informam pouco sobre os valores produzidos nas instituições e serviços de utilidade pública que interessam à sociedade.

Com a possibilidade de alcance da informação e diálogo direto entre as instituições e os cidadãos, a sociedade chega mais próxima à informação transparente, direta e conseqüentemente libertadora, o que há trinta anos seria improvável. É o fenômeno que se vê nos dias atuais, onde as pessoas que possuem alguma afinidade ou necessidade curtem e engajam em perfis de instituições públicas, seja porque já tiveram alguma interação, seja porque aguardam informações de interesse público e comum que possam lhes interessar.

A partir dessas bases teóricas, proponho um olhar para a atividade extensionista enquanto processo dialógico que promove a emancipação das pessoas envolvidas, a integração de culturas e a ampliação do conhecimento, como forma de concretização dos valores sociais e institucionais.

Se a extensão é a atividade que promove em vias de fato a transformação social, a comunicação pública pode ser, paralelamente, compreendida como a atividade que dissemina as práticas, eleva o conhecimento da instituição para a sociedade, e promove a defesa das instituições públicas junto às comunidades.

# Editorial

Se a sociedade conhece a instituição, seus valores, sua essência, seus serviços e aquilo que agrega valor a sua comunidade e a sua vida, ela será defensora desta instituição.

Por meio dessa ação dialógica, a comunicação torna-se uma força propulsora que conecta a teoria com a prática, o saber com a vivência, significando uma ideia a um concreto juízo de valor. Se a comunidade ouvia dizer, agora ela pode ver as ações sendo realizadas na palma da sua mão e em tempo real, a ponto de poder participar junto.

Segundo Ivana Bentes, “as pessoas acham que a comunicação é só um meio, mas na verdade ela impacta na vida e na profissão, por isso é tão importante falar sobre. Precisamos aprender a lidar com a comunicação, sermos mais do que usuários.”

A comunicação não pode apenas ser vista como um meio pelo qual a extensão atinge seus públicos, ela precisa ser vista como uma verdadeira ponte estratégica que sustenta e amplifica os impactos das ações. Dessa forma, a comunicação se alinha em definitivo à extensão na construção de um futuro social mais equânime, transparente, inclusivo, justo e participativo.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA (ABCPública). **Sobre a ABCPública**. Disponível em: <http://abcpública.org.br>. Acesso em: 18 jul. 2025.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

# Editorial

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ. UFRRJ abre novo período com aula inaugural sobre Cultura Digital e Inteligência Artificial. **Portal UFRRJ**, Seropédica, 22 ago. 2024. Disponível em: <https://portal.ufrrj.br/ufrrj-abre-novo-periodo-com-aula-inaugural-sobre-cultura-digital-e-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 21 jul. 2025.